



Se percebendo educador: reflexões sobre a construção coletiva da identidade e a assunção do papel de educador musical

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Euridiana Silva Souza

Escola de Música da UFMG – euridiana@gmail.com

Resumo: Baseado em uma reflexão crítica sobre as atuações de profissionais em música que trabalham na área do ensino, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o processo da construção coletiva da identidade e a assunção do papel de educador musical. Sustentado pela filosofia de Paulo Freire, as concepções de Formação ao Longo da Vida e a metodologia de conversação do World Café, discute-se aqui as concepções de educação e ensino de música e o ato de identificar-se como educador musical, com dados preliminares de uma pesquisa em andamento.

Palavras-chave: Educador Musical. Construção Coletiva. Identidade.

Realizing yourself as educator: reflexions on collective construction of identity and the embrace of music educator's role

Abstract: This paper is based on a critical reflection on the performances of professionals in music working in education area. The study aims to reflect on the process of collective construction of identity and the embrace of music educator's role. Supported by the philosophy of Paulo Freire, lifelong learning conceptions, and World Café conversational methodology, here, I discuss the concepts of education and teaching of music and the process to personal identifying as a music educator, with preliminary data of a research in progress.

Keywords: Music Educator. Collective Construction. Identity.

1. Percebendo essa tal educação musical: norteadores da pesquisa

O mundo das palavras e conceitos é um mundo magnífico, onde podemos nos comunicar e nos entender e sem o qual não seríamos seres humanos. A natureza da língua falada e escrita, seu poder dinâmico, sua função representativa e seu papel na vida de relações são tão marcantes em nossa vida que tendem a eclipsar a práxis no processo de percepção. Passamos a perceber o mundo da mesma forma como falamos (PEREIRA; FONSECA, 1997: 192).

A vida humana é uma floresta de símbolos, todos eles imersos e designados por palavras e conceitos. Platão já comparou essa existência a uma carruagem, na qual o condutor seria a percepção; as rédeas, os pensamentos; e os cavalos as emoções. No andar da carruagem fui motivada pelo excesso de palavras para dizer da minha profissão e da falta, às vezes, de clareza da conceituação dessas palavras: educador musical; professor de música; instrutor de música; licenciado; bacharel; ensinar; formar; educar; instruir... Como bem apontam Barbosa-Lima, Castro e Araújo (2006), estes termos, especialmente os últimos, configuram uma crise na linguagem escolar de uma forma geral, e neste ponto estendo a crise para a linguagem das escolas especializadas no ensino de música.

Tantas palavras deram início a um processo de pesquisa que envolve experiência individual e performances coletivas. Experiência, como ressalta Victor Turner, é sempre tentar aventurar-se e correr riscos. Para tanto ele ressalta cinco momentos da estrutura processual de cada experiência:

1. Algo acontece no nível da percepção;
2. Imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas – de forma aguda;
3. Emoções associadas aos eventos do passado são revividas;
4. O passado articula-se ao presente numa “relação musical” (conforme analogia de Dilthey), tornando possível a descoberta e construção de significado;
5. A experiência se completa através de uma forma de “expressão”. Performance – termo que deriva do francês antigo *parfournouir*, “completar” ou “realizar inteiramente” – refere-se justamente ao momento da expressão. A performance completa uma experiência. (TURNER apud DAWSEY; 2005: 164).

O fazer solitário aguçou minha percepção, reviveu memórias, articulou-se numa relação musical que pode lembrar uma reexposição de sonata, quando os temas estão ali, mas já passaram por um desenvolvimento e vão ser performados de forma diferente. Correr o risco aqui significa buscar uma compreensão maior da experiência, e confrontar pessoas e ideias.

Para tanto, estes cinco momentos da estrutura processual serão observados durante toda a pesquisa como esqueleto para análise da construção coletiva e assunção individual do papel de educador por músicos que, vindo de formações variadas e atuando em carreiras portfólio, envolveram-se com o processo de ensinar música. A carreira portfólio, bem comum na vida profissional de músicos, é aquela que envolve a atuação em diferentes subáreas de uma mesma profissão, permitindo que o indivíduo exerça funções variadas com cargas horárias e ganhos salariais distintos. Entre estas funções está a de ensinar música, que envolve tanto os processos de pedagogia de algum instrumento quanto os processos em aulas coletivas de musicalização, percepção musical, apreciação musical, dentre outras.

O termo educador recebe nesta pesquisa destaque sobre o termo professor por alguns motivos de cunho metodológico. O principal deles, por ser o trabalho fundamentado nas filosofias pedagógicas de Paulo Freire, em especial na *Pedagogia da Autonomia* na qual o autor relata os princípios do ato de ensinar. Cabe ressaltar que, para este autor “educação é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante” (FREIRE, 1996: 27), e uma vez que se pretende trabalhar com a experiência e a inteligência coletiva, a própria pesquisa configura-se em um projeto de educação mútua. Ressalta-se ainda o destaque do termo educador ao invés de professor pela inserção da pesquisa na grande área de conhecimento conhecida como Educação Musical, juntando-se a isso a própria etimologia da palavra educar.

Do Latim *educare*, que é uma forma derivada de *educere* que contém a ideia de conduzir. Da mesma raiz, nascem: produzir, seduzir, deduzir, induzir, traduzir, e outras. A palavra educar representa uma práxis em que se focalizam, enfaticamente, a finalidade e os objetivos do processo pedagógico (BARBOSA-LIMA; CASTRO; ARAÚJO, 2006: 241).

A etimologia de educar destaca *condução* e *práxis*, palavras de ordem na análise de experiência. Desta forma, faz-se necessário observar não somente as vivências momentâneas como experiências, mas estas retratadas na Formação ao Longo da Vida (FLV) de cada um. Observe-se que essa formação é prática e crítica, não somente no sentido de adaptar-se ao mercado e às demandas, mas no fato de que é uma formação que conduz o trabalhador

[...] a compreender a sua prática profissional construída na situação de trabalho, permitindo que ele desenvolva sua autonomia, seus projetos pessoais e profissionais. E ainda, participa do processo de desenvolvimento da pessoa por meio da aquisição permanente de conhecimentos em todos os níveis da sociedade (TOMASI; FERREIRA, 2013: 93).

Apoiado ainda no fato de que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando um blábláblá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996: 24).

A ação prática nesta pesquisa se dá pela elaboração do conceito de educador musical que acontecerá partindo da experiência individual de músicos que trabalham no processo de ensino e aprendizagem, para emergir em uma elaboração coletiva através de encontros de conversações significativas e estratégicas mediadas pela técnica do World Café. Esta técnica de conversas significativas é baseada em duas grandes questões: 1) Como podemos aumentar nossa capacidade de conversar e pensar mais profundamente em conjunto a respeito dos temas cruciais com que se defrontam nossas comunidades, nossas organizações, nossas nações e nosso planeta? 2) Como podemos acessar a inteligência e a sabedoria comuns de que precisamos para criar caminhos inovadores que nos levem para frente? (BROWN, 2007: 27).

Os *Cafés*, como são conhecidos os encontros do World Café, são reuniões nas quais as pessoas se encontram para conversar sobre questões que realmente importam, num processo de ouvir e entender o outro; conviver e elaborar coletivamente; se divertir por meio da escrita em toalhas de papel na mesa; ter tempo para refletir; falar abertamente com a mente e o coração; aumentar relações produtivas, aprendizagem colaborativa e o *insight* coletivo.

Com esta técnica pretende-se trabalhar com um grupo de “professores” de música e observar como a construção e assunção do papel de educador atuam no desenvolvimento e aprendizado profissional que acontece ao longo da vida de cada um, tendo como questões norteadoras: Como é construído, no fazer profissional, o conceito de educador musical? O ato

de assumir este conceito influencia a atuação profissional dos músicos enquanto professores? Como os músicos se preparam para admitir o papel de educador? Como os músicos relacionam este papel aos outros papéis desenvolvidos em suas carreiras portfólio?

Estas questões têm por objetivo: discutir teórica e criticamente, a partir de elaboração coletiva, as concepções de educador musical e suas influências diretas na atuação profissional de músicos que se propõe a ensinar música; analisar o ato de assumir o papel de educador musical na atuação profissional dos músicos observando, principalmente, o desenvolvimento da consciência sobre essa assunção em cada indivíduo; despertar a reflexão crítica na comunidade de educadores musicais sobre suas práticas e os conceitos imbricados nessas práticas, promovendo diálogos entre diferentes profissionais e buscando uma análise que aconteça não somente partindo do meu ponto de vista, mas que venha da inteligência coletiva do grupo, de suas elaborações e formações ao longo da vida; e estimular a integração entre colegas de profissão, promovendo a construção de redes de parceria através do World Café.

Uma pesquisa deste cunho justifica-se em diferentes instâncias. Para mim, como forma de suprir a curiosidade sobre como me assumi educadora, os processos envolvidos nessa assunção, mesmo que minha formação de base seja como bacharel em instrumento. Para a área da Educação Musical, esta pesquisa torna-se uma possibilidade de efetiva discussão e compreensão sobre como profissionais que atuam na área de ensino/aprendizagem de música compreendem o campo da Educação Musical. Este estudo pode iluminar não somente questões de conceituação, muito importantes para esclarecer e categorizar o mundo, mas principalmente processos de construção de conceitos, que são tomados como prontos, mas estão em constante recriação e movimento.

Para a Academia, de uma forma mais geral, este trabalho é uma experiência ainda não experimentada na área da música de deixar emergir coletivamente as conceituações e elaborações que atuam diretamente no fazer profissional de pessoas advindas dos cursos superiores em música, acreditando que, muito do que será desvelado terá ligações diretas com a atuação destas instituições na vida das pessoas que nelas se formaram. Para a vida social de todos os envolvidos, é uma oportunidade de integração de pessoas, construção de redes de parceria, aprofundamento do conhecimento de si através do conhecimento dos outros, cooperando com o desenvolvimento pessoal através do coletivo, em uma área na qual o indivíduo é muito focalizado em seu fazer/aprender, cercado de conceitos como dom, talento, aptidão.

2. Uma pesquisa piloto: questões que brotam da experiência

Desde 2012, exerço a função de coordenadora do curso de música em uma escola especializada, e gerir uma equipe de, atualmente, dezenove instrutores (termo técnico adotado pela escola) tem sido um campo de pequenas pesquisas piloto, despertadas por uma curiosidade epistêmica, que se desdobraram na proposta da minha pesquisa de doutorado.

A atual equipe é bem distinta e em um breve resumo de suas formações temos: quatro instrutores que ainda não concluíram a formação acadêmica, sendo dois bacharelados e dois licenciados; cinco que são exclusivamente formados bacharéis em instrumento; quatro que possuem formação híbrida de licenciatura e bacharelado; cinco exclusivamente licenciados; e um que possui formação acadêmica em psicologia e não em música, tendo sua formação musical em outros ambientes. É uma equipe que tem enfrentado os desafios de trabalhar sempre com duplas de alunos ao invés de aulas individuais, e práticas em grupos, além de serem, em sua maioria, iniciantes na carreira profissional pós-formação superior.

Durantes as reuniões pedagógicas, os trabalhos de estudo em grupo propostos para essa equipe, os *Cafés* para se debater motivação profissional, estruturação curricular e metodologias, e em confronto com a literatura da Educação Musical, muito do que pretendo discutir surgiu, como prática reflexiva e *insights* coletivos. O que se apresenta aqui são apenas reflexões preliminares.

Na literatura os termos professor de música algumas vezes são tomados como sinônimo de educador musical e outras vezes são usados para indicar diferenças, mas sem reflexões mais profundas. Na realidade brasileira, a Educação Musical, vista de uma forma generalizada, é sempre ligada ao processo de musicalização infantil em aulas coletivas (musicalização), a disciplina de música na escola regular (ainda em construção no país), mas pouco se diz do professor de instrumento como educador. A pergunta que emerge é: o que difere um professor de música de um educador musical? O termo educador é usado com frequência para os músicos licenciados que, em sua formação, tiveram uma grade de matérias pedagógico-didáticas, diferindo do músico bacharel, que em sua formação, teve matérias mais técnicas ligadas ao desenvolvimento performático.

Em mesa redonda no II Seminário Internacional de Educação Musical da UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) com professores de diferentes universidades do estado, em agosto de 2015, foram levantadas as seguintes questões: 1) Não há educador musical, há professor de música que desenvolve uma educação através da música; 2)

Educação musical é um termo vago, ambíguo e em discussão, para tanto se deve pensar em Educação e Música.

Assim como a definição de música passou a ser pensada como músicas, no plural, pelas reflexões da sociologia e da etnomusicologia, as definições de Educação também não possuem uma singularidade assumida unanimemente por todos os profissionais que atuam com a área de ensino e aprendizagem. Logo, o esperado é que a definição de uma área que junta dois termos plurais, seja ela também plural.

O professor ensina e o educador educa? Esta reflexão parte da distinção dos termos educação e ensino baseada em diferentes estudos da História da Educação, e as próprias relações do termo com o surgimento e assunção da escola enquanto escola e na outorga legal da Educação enquanto função do Estado. Instruir/ensinar dizia respeito, no período pré-republicano ao “aprender a fazer”, ao passo que educar era uma questão de formação moral. Assim, instrução/ensino + educação, formavam a noção de nação a partir de um cidadão útil (GONÇALVES, 2012).

Esta reflexão parece trazer luz para algumas das questões acima, e se reflete na prática da equipe que coordeno, colocando em xeque algumas definições acadêmicas do educador enquanto licenciado. Como exposto anteriormente, o perfil de formação dos profissionais em questão é variado. Alguns se assumem como professores de música/instrumento, outros se assumem como educadores musicais, mesmo lecionando a prática de instrumento. Quando se cruzam as assunções dos termos, as formações e os perfis profissionais em desenvolvimento, o que se percebe é que os sujeitos que demonstram maior autonomia de atuação, multicompetências para lidar com as adversidades do processo de ensino-aprendizagem, maior proatividade e senso de trabalho em grupo denominam-se “Educadores Musicais”. Destes, quatro são formados exclusivamente bacharéis em algum instrumento. Dos que se apresentam e assumem a visão do “professor de música” (uma visão mais técnica do ensino do instrumento), dois são licenciados. A assunção e definição dos termos professor e educador revela visões de mundo, assim como a definição de educação musical também (PENNA, 2008).

Não buscando uma verdade sobre estes dados, mas numa proposta crítico reflexiva, as coisas se passam como se, assumir-se educador, transcendesse a capacidade de ensinar conteúdos e treinar técnicas instrumentais, assim, o sentido de educação musical, interpretando as duas palavras que compõe esta expressão, talvez diga sobre não somente educar pela música e para música, mas, transcendendo o campo musical, educar para a vida musicalmente.

3. Ser ou não ser? Eis muitas questões para uma inconclusão

A carreira portfólio mistura muitas identidades. A identificação como instrumentista, gestor de projeto, professor, empreendedor, pesquisador... Assumindo a premissa da educação a partir de Paulo Freire, em todos estes momentos somos educadores? Entra para a reflexão a assunção dos papéis desenvolvidos em cada momento da carreira, um ato de assumir-se, não somente em relação aos outros, mas ao próprio sujeito que se assume. Esta assunção vem agregada não somente ao ato de educar o outro, mas ao processo constante de se educar ao longo da vida, de reconhecer sua identidade e assumir de forma consciente que esta própria identidade pode, e provavelmente, vai ser múltipla e não singular, e em constante transformação.

[As identidades] tem a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2000: 109).

Perceber-me ou não como educador? Ser ou não ser? Vir a ser? Como cada um, em sua atuação se representa, se identifica e como isso afeta a individualidade e a coletividade? Ser ou não ser, para além de Shakespeare, é mais que uma questão, é uma infinidade que se abre. E nomear educação, assunção de si e de identificação, tendo como emergente que a “educação é um processo de libertação do homem” e não um produto; que “o aprofundamento da tomada de consciência que se opera nos homens enquanto agem, enquanto trabalham” é fundamento dessa educação; e que, acima de tudo, o nível da conscientização através de uma inserção crítica na realidade “não pode ser de caráter individual, mas sim social” (FREIRE, 1983), numa construção de mão dupla entre a elaboração individual e a vivência em grupo, é o que ainda tenho pela frente na pesquisa, e num processo de inacabamento chamado vida.

Referências

- BARBOSA-LIMA, Maria da Conceição; CASTRO, Giselle Faur de; ARAÚJO, Roberto Moreira Xavier. Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar. *Ciência e Educação*, São Paulo, v.12, n. 2, p. 235-245, 2006.
- BROWN, Juanita. *O World Café: dando forma ao nosso futuro por meio de conversações significativas e estratégicas*. Juanita Brown com David Isaacs e a comunidade do World Café. Moises Sales (trad.). São Paulo: Cultrix, 2007.
- DAWSEY, John C. Victor Turner e a antropologia da experiência. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.13, p.163-176, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rosisca Darcy de Oliveira (trad.). 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GONÇALVES, Irlen Antônio. Congresso legislativo mineiro e educação profissional: leitura partilhada para a construção da República. In: GONÇALVES, Irlen (org.). *Progresso, trabalho e educação profissional em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p.13-40.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-130.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PEREIRA, Maria José Lara B.; FONSECA, João Gabriel Marques. *Faces da decisão: as mudanças de paradigmas e o poder da decisão*. São Paulo: Makron books, 1997.

TOMASI, Antônio de Pádua Nunes; FERREIRA, Jane Eyre R. M. Formação ao Longo da Vida (FLV): o que o trabalhador quer aprender? *Educação em Foco*, Belo Horizonte, ano 16 – n.21, julho 2013, p.91-117.